



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DO CENTRO DE  
CULTURA E DESENVOLVIMENTO DO PARANOÁ (CEDEP) :  
SINGULARIDADES E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA  
DAS ALFABETIZADORAS POPULARES.**

**CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**

**BRASÍLIA, DF.**

**2011**

**O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DO CENTRO DE  
CULTURA E DESENVOLVIMENTO DO PARANOÁ (CEDEP) :  
SINGULARIDADES E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA  
DAS ALFABETIZADORAS POPULARES.**

**CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**

Trabalho Final de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em Pedagogia,  
à Comissão Examinadora da  
Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília, sob a  
orientação do professor  
Dr. Renato Hilário dos Reis

**O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DO CENTRO DE  
CULTURA E DESENVOLVIMENTO DO PARANOÁ (CEDEP) :  
SINGULARIDADES E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA  
DAS ALFABETIZADORAS POPULARES.**

**CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**

**Comissão Examinadora:**

---

**Orientador: Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Prof. Nirce Barbosa Castro Ferreira**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Prof. Erlando Rêses**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 30 de novembro de 2011

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio, carinho e atenção em todos os momentos da minha vida.

Aos amigos por compartilhar comigo dos momentos alegres e tristes dessa caminhada.

Aos educadores(as) de toda a minha vida escolar... que desde o início da minha vida escolar sempre me incentivaram e me ensinaram o valor da educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais: Isolda e Raimundo, por acreditar e torcer por mim em todas as etapas da minha vida, amo vocês.

Aos meus irmãos Josafá e Jaderson e todos os tios (as) e primos(as)

À todas e todos do CEDEP, pelo carinho e apoio, em especial: Leila, Lourdes, Cilene, Helena, Ana Maria, Creuza, Eva, Sr. Antônio Marcos e todas e todos os alfabetizando e alfabetizadoras, com os quais aprendi muito durante todos esses anos.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em especial aos queridos Renato Hilário e Nirce pelo carinho, acolhimento e orientação.

Aos amigos Rosa, Jaqueline Melo, Taty, Gabriela Lisboa, Helaine, Diana, Karla Gabriela, Lívia, Wesley e Regiane Melo por todos os momentos que passamos e passaremos juntos.

Aos amigos do GENPEX Jaque durães, Marcos, Roger, Randiê, Wagner, Creuzirene, Julieta, Stella, Luís, Nicolay, Leonardo e todos que esqueci de colocar o nome, mas não esqueci do carinho e apoio.

Ao cursinho Pré – Loyola por contribuir para minha formação  
cidadã, me ajudar no ingresso à Universidade de Brasília e  
proporcionar momentos únicos com os amigos Gabriela Lisboa,  
Talyta, Adalberto, Romário, Regiane Mary, Kamilla Nunes.

Ao Valdir por estar sempre ao meu lado em todos os  
momentos, você é especial.

SANTOS, Crislanqueni Alves. **O CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL DO CENTRO DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO DO PARANOÁ (CEDEP) : SINGULARIDADES E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS POPULARES.** Brasília/DF. Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso) 2011.

## RESUMO

O CEDEP – Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, foi criado com o principal, mas não único, objetivo de acolher e alfabetizar moradores da comunidade a fim de que, possam lutar pelos direitos individuais e coletivos em prol da melhoria das suas condições de vida. No processo de desenvolvimento da alfabetização, é preciso que haja pessoas interessadas em assumir as turmas compostas por jovens e adultos da comunidade que se increvem na alfabetização, ou seja, é necessário que estas alfabetizadoras(es), entendam como e por quê se dá o processo de ‘nascimento’ do CEDEP e como os trabalhos são desenvolvidos pela/na entidade, para isso. É necessário organizar um curso de formação inicial de alfabetizadoras(es) populares.

Nesse curso, o CEDEP, conta com a parceria da Faculdade de Educação –FE da Universidade de Brasília - UnB, cabendo a esta a certificação.

Nesse trabalho descrevo o curso de formação inicial de alfabetizadoras(es) do CEDEP, para funcionamento do Grupo de Educação de Jovens e Adultos – GAJA e outras particularidades da educação de jovens e adultos oferecida pelo CEDEP, com apoio teórico/metodológico de REIS(2000), JESUS(2007), FREIRE(1979,2008), MELO(2009), MARIZ(2004), SANTOS(2010).

Como sujeitos de pesquisa escolho três alfabetizadoras de nível superior completo, que participaram de cursos de formação inicial de alfabetizadoras(es) populares do CEDEP e que atuaram na alfabetização de jovens e adultos. Elas trazem como contribuição, as suas significações acerca do curso de formação inicial, e fazem uma relação com o mesmo e o curso superior no qual se graduaram. O resultado da pesquisa aponta a ausência da prática nos cursos superiores de formação de professores e a relevância do curso de formação inicial de alfabetizadores do CEDEP para constituição de uma alfabetizadora(o) acadêmico-politicamente competente, amoroso e socialmente comprometido.

**Palavras - Chave:** curso de formação inicial de alfabetizadoras(es) populares, alfabetização, alfabetizadoras, graduadas, graduação.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
PARTE I.....	10
MEMORIAL.....	10
ENCONTRO COM A MEMÓRIA: HISTÓRIAS QUE ME FORTALECEM .....	10
MONOGRAFIA .....	25
O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS (ES) POPULARES DE JOVENS, ADULTOS DO CEDEP - PARANOÁ: PARTICULARIDADES/DIFERENCIAL E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS POPULARES. ....	25
OBJETIVO GERAL.....	26
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	26
CAPÍTULO 1.....	27
PARANOÁ E CEDEP – HISTÓRIAS QUE SE COMPLETAM.....	27
CAPÍTULO 2.....	34
O PROCESSO METODOLÓGICO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS (ES) POPULARES DO CEDEP .....	34
2.1 - Dinâmica do Curso Inicial de Alfabetizadoras (es) Populares do CEDEP	35
2.2 - Estrutura pedagógica do GAJA- Grupo de Alfabetização de Jovens E Adultos .....	39
CAPÍTULO 3.....	41
O DIÁLOGO ATRAI NOVAS PARTICIPANTES .....	41
3.1 – Relatos de quem vive o processo de um curso de formação diferenciado .....	42
3.2 – A contribuição do curso de formação inicial ao trabalho com os jovens e adultos em sala de aula.....	43
3.3 – O curso e a alfabetização oferecida pelo CEDEP: influências e significações.....	45
3.4 – O Curso superior e sua contribuição para formação de um educador atuante na comunidade.....	46
Refletindo a partir das falas .....	48
PARTE III.....	56
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL .....	57
REFERÊNCIAS .....	58
ANEXO – Autorização das alfabetizadoras do CEDEP .....	59



## INTRODUÇÃO

As minhas experiências no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá- CEDEP, meu ingresso na Universidade de Brasília e o contato com pessoas de diferentes instituições de ensino superior, me chamaram a atenção para o fato de, como as pessoas graduadas utilizam os conhecimentos construídos durante o percurso em uma instituição de ensino superior em prol da comunidade em que vive.

Por experiência posso afirmar que: A formação inicial oferecida pelo CEDEP parte do pressuposto de que alfabetizar não é apenas repassar conteúdos e fazer com que os alfabetizados reproduzam os mesmos. A alfabetização no CEDEP é vista como forma de mobilizar a comunidade em prol da coletividade, a favor da melhoria da qualidade de vida e convivência no espaço onde vivem, ou seja, aqui o ensino, alfabetização no caso do CEDEP, não é caracterizada por um mero aprender a ler e escrever, é muito mais do que isso, é possibilitar ao educando construir de forma crítica seus conhecimentos, se reconhecendo como sujeito de ação. Por que para além do trabalho, o ser humano se forma para a vida, para a socialização

Nesse sentido, proponho uma pesquisa sobre o Curso de Formação Inicial para Alfabetizadoras(es) Populares do CEDEP, além de em conjunto com algumas alfabetizadoras graduadas do CEDEP, que passaram pelos cursos de formação inicial, fazer uma reflexão acerca da relação universidade/comunidade/movimento popular.

Na parte I(memorial), inicio contando um pouco da minha vida, para que vocês possam entender quais foram as pessoas, instituições e situações que me ajudaram na escolha do tema aqui trabalhado.

Na parte II(monografia), relato a história do Paranoá e do CEDEP, no capítulo I, nomeado: Paranoá e CEDEP: histórias que se completam. Escrevo essas histórias de acordo com o que apreendi das memórias contadas pelos pioneiros do Paranoá nos Cursos de Formação Inicial de Alfabetizadoras(es)

do CEDEP. Começo enfatizando desde o surgimento da Vila Paranoá até a criação do CEDEP.

Ao continuar a leitura você encontrará no capítulo II, O processo metodológico e fundamentação teórica da formação de educadores (as) populares do CEDEP, nosso diferencial. Neste, você pode entender melhor o que, como e o porquê do curso de formação do CEDEP. A proposta aqui é integrar a minha fala às falas de outros professores (as) pesquisadores (as) que também viveram a práxis de uma educação de jovens e adultos com ênfase na comunidade, onde cada sujeito tem voz.

A seguir, no capítulo III, a nossa conversa abre espaço para mais sujeitos se manifestarem, o que não poderia ser diferente já que a proposta, como já dito anteriormente, é abrir espaço para que os sujeitos participem, tenham voz. Dessa forma, três alfabetizadoras populares: Maria Helena, Cilene Gouveia e Ana Maria, contam um pouco da suas vivências, para que possamos entender as particularidades do curso de formação inicial e da educação popular de jovens e adultos. Nossos olhares estarão voltados para essas alfabetizadoras que entendem todo o processo do curso de formação inicial, dentre outras coisas, por que se envolveram com a práxis do trabalho desenvolvido no CEDEP.

Após a reflexão a partir das falas das alfabetizadoras – sujeitos da pesquisa, complemento com as minhas Considerações Finais acerca do tema pesquisado.

Na parte III do trabalho escrevo sobre as minhas Perspectivas de Atuação Profissional, enfatizando meu trabalho no movimento popular e a vontade de seguir com meus estudos no meio acadêmico.

Enfim, cito as referências usadas para o enriquecimento do meu trabalho de conclusão de curso e anexo as autorizações das alfabetizadoras, para utilizar seus nomes e falas na pesquisa.

## **PARTE I**

### **MEMORIAL**

#### **ENCONTRO COM A MEMÓRIA: HISTÓRIAS QUE ME FORTALECEM**

## ENCONTRO COM A MEMÓRIA: MINHA HISTÓRIA ME FORTALECE

*“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Está é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”*

*Paulo Freire (2002, p.23)*

Minha história tem início no dia 22 de abril de 1988, quando uma jovem que atende pelo nome de Isolda que significa ‘a que protege’, casada há um ano com Raimundo, ‘o protetor poderoso’. O significado do nome revela a força dessa guerreira, dá a luz a uma menina que por sua vez recebe o nome de Crislanqueni, nome diferente e que causa curiosidade nas pessoas.

Vindo de duas pessoas com nomes tão fortes o nome da primeira filha tinha que traduzir essa força e essa união. Crislanqueni, meu nome, uma junção de nomes de familiares paternos, um nome curioso que é fruto do amor pela família e que também simboliza o início da história da família dos meus protetores, meus amados pais.

O meu nascimento se deu de forma muito conturbada, pois apesar da família estivesse na expectativa para a minha chegada, um fato inesperado fez com que a preocupação em relação à saúde da minha mãe e à minha fosse redobrada. Vou explicar melhor. Meus pais se casaram em Teresina, mas logo após o casamento se mudaram pra Rondônia, pois meu pai recebeu uma proposta de emprego na capital, Porto Velho. Logo depois minha mãe engravida e pediu para ter a filha em Teresina, perto da família. no 7º mes de gestação, Isolda vai para a cidade natal, rever a família e dar a luz . É quando descobre que a mãe (minha avó) tem câncer e por decorrência disso, pouco tempo de vida. Minha mãe ficou muito abalada, como era de se esperar, diante de tão grave notícia. Dessa forma completados os 9 meses de gestação Anatália (minha avó) falece. Isolda sofre muito com a morte da mãe, não come,

não dorme, além disso, eu, já com 9 meses de gestação não dava nenhum sinal de vida, por consequência dos calmantes aplicados na minha mãe . Após ser internada e acompanhada por médicos, minha mãe e eu começamos a reagir e alguns dias depois, no dia 22 de abril de 1988, nasce a primeira filha do casal Isolda e Raimundo.

Entre tantos acontecimentos, minha guerreira mãe resolve voltar com o marido para Rondônia. Já em Rondônia, a família aumenta com a chegada dos meus lindos irmãos Josafá e Jaderson, amores da minha vida.

Lembro que onde morávamos tínhamos um quintal grande com árvores e até um poço, onde eu adorava ver a bomba de água sugando a água que seria usada para encher uma grande caixa d'água que meus irmãos, primos e eu, usávamos como piscina. Bons tempos!

Recordo-me também que estudei desde pequena, desde os 3 anos de idade, sempre gostei da escola. A primeira coisa que perguntava pra minha mãe quando acordava era: Mãe hoje tem escola? Boas lembranças.

No ano de 1994, temos uma reviravolta em nossas vidas, mudamos para Brasília. Cidade dos sonhos de muitos trabalhadores, também despertou o interesse do meu pai, melhores condições de vida..será?

Chegamos á capital da esperança, em outubro de 1994, não trouxemos nada, viemos como se diz por aí com “a cara e a coragem”, só com as roupas, deixando para trás tudo o que foi conquistado com muito esforço e trabalho, casa.

Primeiro vamos morar em uma casa emprestada por uma pessoa da família do meu pai, depois mudamos para uma casa alugada. Para toda a família, principalmente para nós, os filhos, é muito difícil a adaptação, já que em Rondônia, tínhamos um quintal pra brincar, primos, e podíamos correr nas ruas descalços. Aqui é diferente, a casa não é nossa, além de não termos espaço pra brincar por que são três casas de aluguel em um único lote, é tudo muito diferente.

Eu sinto falta de tudo, mais a maior falta é da escolinha, dos amiguinhos, enfim de tudo.

Já tinha tenho quase sete anos de idade, na época idade com que as crianças começam na primeira série do ensino fundamental, hoje segundo ano. Tenho que ir para uma escola onde não conheço nada nem ninguém, dá uma ansiedade, medo talvez, não sei... são tantos sentimentos e sensações nessa hora.

Meu pai começou a trabalhar em uma padaria. Todo dia ele saía de casa bem cedinho para trabalhar, e é em um desses dias, dentro do ônibus que ouve falar pela primeira vez no CEDEP (Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá), um lugar que mudará a vida dele e a minha.

Meu pai fica perto de duas senhoras e ouve as mesmas comentarem sobre o trabalho de alfabetização popular de jovens e adultos. O projeto desenvolvido no CEDEP, desperta a curiosidade imediata, e meu pai resolveu conhecer o CEDEP. A vontade de ajudar, e a crença em uma transformação na qualidade de vida das pessoas através da educação faz com que meu pai se envolva cada vez mais com o trabalho do CEDEP e torna-se educador popular, "título" do qual tem muito orgulho até hoje.

Meu pai é o meu elo com o CEDEP. Desde pequena ele leva meus irmãos e eu para as aulas no CEDEP, para acompanhá-lo, eu particularmente adoro ir às aulas com meu pai, gosto de vê-lo "dando aula", acho bonito, sentia e sinto muito orgulho do meu pai ser PROFESSOR. Talvez tenha começado aí meu interesse pela profissão.

Em fevereiro de 1995, (essa foi à época que) dou início aos meus estudos na primeira série da Escola Classe 209 Sul, não estudo no Paranoá por que tenho um primo que estuda nessa escola (Escola Classe 209 Sul) e minha tia, mãe dele, sempre fala para os meus pais que a escola do Paranoá não presta, que os professores não são bons e que no Plano Piloto os professores são melhores por que os filhos dos ricos também estudam lá. Não foi isso que presenciei na escola, pois a maioria das crianças que lá estudam vem das cidades satélites e não das casas e prédios residenciais que rodeiam

essa escola. Para mim é tudo muito novo, eu tenho de medo de não fazer amigos, de não gostar dos professores, enfim, de não me adaptar á minha “nova vida”.

Primeiro dia de aula na escola nova, pessoas novas, era tudo muito novo pra mim, e quase tudo que é novo sempre causa medo, ou receio. Lembro-me bem, a professora Raquel recebeu todos os alunos, que por sinal choravam muito na hora que os pais iam embora e conversava para que eles parassem de chorar. Eu já estava acostumada com a escola, por isso não tive muita dificuldade em me despedir dos meus pais, entrei na sala e fiquei lá, na primeira cadeira quietinha, esperando a professora.

No primeiro momento, a professora se apresentou á turma, me lembro como se fosse hoje, falou o nome (Raquel) e falou: “Sou professora de vocês, PROFESSORA, não me chamem de tia, por que não sou irmã do pai e muito menos da mãe de vocês.” Fiquei apavorada com essa frase, pois sempre chamei as professoras da outra escola (de Rondônia) de tia.

A hora da chamada foi a pior pra mim, eu muito tímida, fiquei super nervosa, pois tinha a certeza que a professora Raquel não ia conseguir falar o meu nome e eu ia morrer de vergonha de ficar repetindo três ou mais vezes como se pronuncia Crislanqueni, e foi o que aconteceu. Porém, diferente do que eu pensei que aconteceria, a professora Raquel falou que meu nome era bonito e diferente e pediu que eu falasse o porquê desse nome e quem o escolheu: Foi o meu pai que escolheu esse nome, porque ele gosta de inventar nomes, eu disse.

Foi a partir desse momento que reconheci meu nome como parte fundamental da minha formação como pessoa, por que antes dos dizeres positivos da professora Raquel em relação ao meu nome, eu tinha muito medo de dizer-lo e as pessoas rirem de mim. Foi nesse momento da minha vida que comecei a aceitar meu nome e depois gostar muito dele. Pra mim, foi o melhor nome que poderiam escolher.

Os dias foram passando, mas mesmo com o elogio ao meu nome, feito pela professora Raquel, eu nunca a chamava pra nada, nem pra esclarecer

alguma dúvida, por ter medo dela brigar comigo, foi meio traumatizante pra mim esse primeiro contato tão “duro”, posso dizer assim. Com o passar dos meses comecei a perceber que a professora Raquel era uma ótima pessoa e excelente profissional. Aprendi muito com ela, e fiquei muito surpresa e feliz quando soube que na segunda série teria a alegria de estudar na turma dela outra vez.

A escola era realmente muito boa. Com profissionais dedicados, uma equipe comprometida com a educação dos alunos. Apesar da qualidade da escola, ainda hoje fico pensando que seria ótimo que eu tivesse estudado pelo menos algum tempo no Paranoá, nas escolas do Paranoá, para conhecer melhor a realidade escolar dessa cidade que tanto gosto e ter amigos aqui também. Apesar de muitos dos meus amigos que estudavam na Escola Classe 209 Sul também morarem no Paranoá eu sentia falta de um contato maior com a cidade onde moro, me reconhecer nesse espaço era importante para mim. Mas se não foi pela escola que consegui essa proximidade com a comunidade do Paranoá, foi através do trabalho junto ao movimento popular, sobre o qual vou enfatizar um pouco mais a frente. Continuando a fase da educação primária...

Era uma festa no ônibus escolar na ida e volta da escola, uma gritaria e muitas brincadeiras. Jair, o motorista, adorava fazer brincadeiras com todos dentro do ônibus escolar. Bons tempos!

Para mim escola se tornou mais que um lugar de estudo, se tornou um lugar de socialização, já que não conhecia ninguém no lugar onde eu morava (Paranoá), ou seja, não tinha amigos e ficava muito presa em casa, também por esse motivo. Na escola eu começo a interagir com os colegas de classe, alguns desses estão até hoje presentes em minha vida, não com a mesma intensidade e frequência de antes, mas sempre que nos falamos a alegria é a mesma de anos atrás. Um exemplo de amizade é a Regiane Melo, estudamos juntas da primeira série da educação básica até o terceiro ano do ensino médio, na mesma sala, sentávamos sempre juntas, fazíamos trabalhos da escola juntas e morávamos bem perto uma da outra. Uma companheira e amiga com quem até hoje tenho uma relação muito boa e que admiro muito.



Dando continuidade á minha trajetória acadêmica, outra professora que marcou muito minha vida, ainda na Escola Classe 209 Sul, chama-se Ivone, foi minha professora na quarta série, hoje quinto ano. Essa educadora é uma dos profissionais mais dedicados que eu tive a oportunidade de conviver, além de ser uma pessoa encantadora. Ensinou-me que ser educador é uma das profissões mais bonitas que existe, ela (Ivone) deixava transparecer o amor pela profissão. Apesar de muitos alunos a considerarem muito severa ou chata eu tinha um carinho muito grande por ela, até hoje lembro com muito carinho dessa grande profissional.

Saindo da Escola Classe 209 Sul, que só tinha até a quarta série do ensino fundamental, mudei pra Centro de Ensino Fundamental 05 de Brasília (conhecido como 408 Sul ou Pau Velho, como era chamado pelos alunos, pois era uma escola muito antiga). Essa foi sem dúvida uma das épocas mais difíceis da minha vida, eu estava entrando na adolescência, e todos os conflitos que dizem existir nessa fase da vida não me atingiam, até que meus pais se separaram.

Essa fase das nossas vidas não foi fácil, mas o tempo foi passando e nos acostumamos com mais uma mudança em nossas vidas. Enfim, dificuldades existem para que possamos nos fortalecer, e foi exatamente isso que aconteceu com toda a minha família, inclusive comigo. Essa foi a época também em que nos distanciamos do CEDEP, pois o meu pai já não morava no Paranoá, o que dificultava o deslocamento até o CEDEP para as aulas de alfabetização de jovens e adultos.

Mas a vida continua e os estudos não param. Chego ao ensino médio, agora estudo no Centro de Ensino Médio Setor Leste, um colégio público muito bem falado em Brasília. Eu já sabia mais ou menos o que queria fazer, por causa da minha vivência no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP, onde meu pai foi alfabetizador. Eu queria trabalhar em escola, na verdade queria ser professora, não sabia em que área, mas queria.

Estava perto de concluir o ensino médio e meu pai me faz um convite, queria que eu participasse de um curso no CEDEP. Não sabia ao certo o que

era ele me explicou que era um curso de formação para ser alfabetizador. Resolvi aceitar o convite e conhecer melhor o trabalho, acredito que a palavra certa é Re-conhecer, pois foi a partir desse curso que me reconheci educadora, foi a partir daí que me encontrei na 'profissão educador'. Mas não era uma profissão no sentido de ocupação somente para subsistência, mas uma ocupação que me dava prazer e alegria.

Em 2006 o laço que havia sido rompido foi reatado. Tudo aconteceu em um curso de formação ou encontro de formação inicial, a mesma pessoa que me apresentou ao CEDEP na infância faz a ponte para reatar o laço antes quebrado. Raimundo, meu pai, faz questão que eu, agora com 16 anos, participe da formação inicial para conhecer ou me re-conhecer no trabalho lá desenvolvido.

Foi ainda nesse curso que fiz muitas amizades, uma em especial que me ajuda e incentiva sempre e me faz dar gostosas gargalhadas, Jaqueline Melo (Jaque), que hoje faz parte da direção do CEDEP.

Em 2006 assumo minha primeira turma de alfabetização de jovens, adultos e idosos, sem experiência, mas com muita vontade de aprender e com a confiança de Lourdes (coordenadora do grupo de educação da entidade) admirável mulher, uma das mais fortes e decididas que já conheci. .

O curso de formação inicial do qual participei começou em fevereiro de 2006. Lembro que chego acanhada, assim como os alfabetizandos. Muitas pessoas que gostavam de falar, estudantes da UnB, e o meu pai que todos conheciam e pareciam admirar.

Eu não sabia o que fazer, ficava quietinha e caladinha, mesmo assim logo fiz uma amizade que cultivo ainda hoje, Jaque. Ela também estava meio perdida, mas tinha um objetivo, foi conhecer o CEDEP por que tinha passado no vestibular e estava começando o curso de pedagogia na Universidade de Brasília. E eu? Eu me perguntava, eu estou fazendo o quê aqui? É pelo meu pai que estou aqui?

No decorrer do curso de formação inicial fui me envolvendo com a história do CEDEP, com a história do Paranoá, com a história de vida de cada um e cada uma ali presente. Fui resgatando a minha história com/no CEDEP nas falas do meu pai, que me acompanhou durante o curso.

Sempre quando me perguntam como conheci o CEDEP, falo com muito orgulho que foi através do meu pai, que era alfabetizador popular na entidade. Meu pai, Raimundo, sempre levava os meus irmãos e eu para as aulas. Eu tinha mais ou menos sete ou oito anos de idade, adorava ir com o meu pai nas aulas, ajudava os alfabetizando da minha maneira, como podia, pois estava também em processo de alfabetização.

Além disso, lembro que brincava muito durante as aulas e me recordo que aprendia muito com as dificuldades e descobertas dos alfabetizando, pois eu também estava no mesmo processo que eles, desde essa época aprendíamos juntos.

Lembro também que eu gostava falar na escola que meu pai era professor, que ele ensina as pessoas a ler e escrever, e sempre repetia que quando crescesse queria ensinar as pessoas a ler também. Acredito que começou aí minha paixão pela educação, mais tarde, é claro, mais pessoas vieram somar para que essa vontade se tornasse sólida e concreta.

Depois de tudo o que tinha vivenciado e sentido durante quase um mês de encontro com as pessoas no curso de formação, eu já tinha a resposta para as perguntas anteriormente citadas, e a partir daquele momento eu já podia responder: Estou aqui por que gosto e quero ajudar as pessoas, conhecer melhor o trabalho aqui desenvolvido e não é pelo meu pai que estou aqui, é para que eu possa começar ou recomeçar de onde parei.

Após o curso, as pessoas que quisessem fazer parte do grupo de educação poderiam ser auxiliar de uma das alfabetizadoras, que já estavam no processo e conheciam o trabalho a mais tempo. Eu queria muito ser auxiliar de alguém, mas não escolhi, fui escolhida. Fui muito bem acolhida pela Georgia, uma paraense de sangue nas veias, como ela dizia.

Pensei que ficaria pelo menos os seis meses ou um ano, “recomendados” pela entidade, como auxiliar na turma da Georgia. Esse aprendizado ou experiência durou muito menos do que eu imaginava, para o meu desespero, no início, e para minha alegria logo depois.

Na metade do primeiro semestre do ano de 2006, foi formada uma turma, porém um problema: a turma estava sem alfabetizador. Não sei como e nem quem pensou em mim para o “cargo”, mas veio o convite.

Lourdes, coordenadora do grupo de educação, me chamou para conversar, foi bem direta: “Cris, temos uma turma formada, mas não temos alfabetizadora e queríamos saber se você topa assumir a turma!!” Eu fiquei apavorada sem saber o que fazer, tentei argumentar e falar que não tinha nenhuma experiência, mas ela falou que confiava e se não desse certo poderíamos ver uma outra pessoa para estar em sala junto comigo. Ainda assim não fiquei tranquila, pedi um tempo pra pensar, mas por fim acabei aceitando ser alfabetizadora da turma.

Primeiro dia de aula na turma, eu estava muito nervosa e tudo o que eu queria era acabar logo com aquilo, comecei a suar, foi horrível. Mas logo me tranquilizei quando vi os olhares de cada um e cada uma presente ali na sala, estavam todos esperando o que eu tinha a dizer e eles não cansavam de dizer que eu era muito nova, e eu era mesmo, tinha idade para ser neta de todos eles. Vi logo de início que eles não acreditavam muito que eu poderia ser a professora, como eles diziam. Mas na primeira conversa no primeiro dia nós nos entendemos.

Dizem que a primeira vez a gente nunca esquece, e não esquece mesmo!

No primeiro dia em sala, nos conhecemos, contamos nossas histórias de vida, eles com muita histórias para contar, é claro, e eu com muita vontade de ouvir. Dessa forma acolhi e fui acolhida pelos alfabetizandos.

Lembro que tive muito apoio da coordenação do grupo de educação e das alfabetizadoras.

Dos planejamentos não me lembro muito e não tenho registros, pois infelizmente se perderam na mudança de casa que fiz com minha família. Mas tenho registro de uma poesia que a turma fez na semana literária, que dizia:

### Brincadeiras

Minha terra tem palmeiras

Se eu soubesse que tu vinhas

Mandava varrer a estrada

Apanhar pedra miúda

E sereno da madrugada

Eu vim na sua janela

Fazer uma serenata

Você saiu na janela

E ficou sentada

Quem era na janela

Era o meu amor me chamando.

Texto/Poesia coletiva – Semana Literária 31/10/2006

Os meses foram passando e a cada dia me sentia mais segura na turma, tive muitas dificuldades no começo, depois fui pegando o “jeito da coisa”. Sentia um carinho enorme por cada um e cada uma dos alfabetizando e alfabetizadas da turma.

No fim desse mesmo ano, tive uma desagradável surpresa. Uma das alfabetizandas mais alegres e dedicadas da turma faleceu, deixando uma enorme saudade e recordações boas. Esse fato me abalou bastante, fiquei dois meses sem ir ao CEDEP, mas depois compreendi que essa é uma das situações que enfrentamos em todos os lugares e a qualquer momento e que o meu trabalho não deveria e não poderia parar.

Nos anos seguintes segui na alfabetização, agora como auxiliar, pois queria me dedicar à conclusão do ensino médio e almejava ainda fazer um curso de pedagogia, queria ser professora ou de alguma forma trabalhar em escola, adoro o ambiente escolar, todos os conflitos e todas as alegrias.

Nessa fase da minha formação fiquei um pouco apreensiva, pois queria cursar pedagogia na UnB, por causa do trabalho desenvolvido por estudantes da UnB e o professor Renato Hilário no CEDEP. É um trabalho de acompanhamento das turmas, um auxílio mútuo entre estudantes da UnB, alfabetizadoras, alfabetizadores, alfabetizandas e alfabetizados.

Tive muito apoio da Leila Maria de Jesus, integrante da direção do CEDEP, que me indica um lugar muito legal pra me preparar, Cursinho Pré-Loyola, este trabalha o ingresso dos jovens de baixa renda em universidades desenvolvendo a cidadania nesses jovens, ou seja, segue a mesma linha de trabalho do CEDEP. Eu estava em casa.

No primeiro semestre de 2008 foi uma festa no CEDEP, era mais uma estudante de pedagogia da UnB, moradora do Paranoá e militante do movimento popular organizado. Foi uma festa para minha família, para meus pais principalmente.

Muitas alegrias, objetivo cumprido? Não... na universidade era só o início da caminhada, sempre caminhando junto com o CEDEP!

Apesar de todos esses acontecimentos em minha vida, eu queria mais, eu precisava de mais. Queria me aperfeiçoar, queria cursar nível superior. Meus pais não tinham condições nenhuma de assegurar minha permanência em uma instituição particular de ensino superior além disso, eu queria mesmo

era estudar na Universidade de Brasília, por que eu já sabia que lá eu encontraria um pedacinho do CEDEP, o GENPEX- Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular (de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais. Esse grupo é formado por estudantes, professores e pessoas simpatizantes do projeto de educação de jovens e adultos que acontece no CEDEP.

O GENPEX tem como objetivo principal acompanhar, ajudar, aprender com o movimento popular organizado do Paranoá, ou seja, é uma troca de saberes entre universidade e comunidade. O GENPEX é um dos poucos grupos de ensino, pesquisa e extensão que realmente trabalha centrado na práxis real concreta vivida entre comunidade/universidade. Nesse começo de caminhada e perseverança para o ingresso em uma universidade pública fiz dois vestibulares, da tentativa passei perto, por pouco não consigo uma das vagas. Quando já me sentia desanimada, Leila pessoa pela qual tenho muito carinho e respeito, da diretoria do CEDEP, me fala sobre um cursinho gratuito e que tem uma didática de trabalho muito interessante, pois além de “repassar conteúdos” trabalha para e pela formação cidadã dos alunos. Leila pede que eu me inscreva. Mais um passo para o ingresso na universidade.

Passei todo o ano de 2007 me preparando para a prova /vestibular do segundo semestre deste mesmo ano. Apesar de ser um cursinho gratuito, tinha que conseguir dinheiro para pagar passagens de ônibus até o local das aulas. Foi difícil, nessa época tive muita ajuda da minha madrinha, Fátima, e agradeço de coração.

Nesse mesmo ano faço prova do ENEM, exame nacional de estudantes do ensino médio, para conseguir uma bolsa no Programa Universidade Para Todos - PROUNI, do Governo Federal. Esse programa tem como objetivo conceder bolsas de estudos ou parciais a estudantes de baixa renda em cursos de graduação, em instituições privadas de educação superior. Em contrapartida, o governo, isenta a instituição do pagamento de alguns impostos.

Em 02 de novembro de 2007 foi divulgado o resultado do ENEM, eu poderia escolher uma boa instituição de educação superior para fazer o meu curso de pedagogia, por alguns momentos esqueci até da prova que tinha feito para ingressar na UnB. Fiz minha matrícula, pelo PROUNI, em uma instituição privada, estava animada pelo início das aulas.

Em fevereiro de 2008, em uma conversa com Tatiana Ramos Vidal, amiga dos tempos de ensino médio, uma daquelas amizades que trago comigo até hoje, falávamos sobre a prova do vestibular (eu não tinha sequer conferido o resultado). Tati comenta que viu o resultado da prova e que eu estava aprovada. Meu Deus que alegria! Tatiana foi um anjo na minha vida, por que esse mesmo dia que nos falamos por telefone era o último dia para fazer a matrícula na UnB. Deu tudo certo, consegui fazer a matrícula. Era caloura do primeiro semestre de 2008.

Após o ingresso na Universidade de Brasília conheço muitas pessoas, inclusive o tão falado Renato Hilário, professor da UnB e coordenador do GENPEX, que tanto admiro. Além disso, conheço na universidade, o Valdir, ‘meu bem’ como costume chamar, que me ajuda e ajuda muito, compartilha das tristezas e alegrias, companheiro de todas as horas.

Já nos primeiros dias de aula, vi que a universidade era muito mais que um lugar de aquisição de conhecimentos, é um lugar rico em troca de conhecimentos e cheio de pessoas diferentes em todos os sentidos, a UnB realmente era o lugar da diversidade, e eu adoro isso.

Foi também nesses primeiros dias que faço amizade com Rosa, uma pessoa companheira, guerreira, exemplo de força de vontade, que sempre me dá muito apoio e que me faz rir muito.

Durante todo o curso conheci pessoas que me identifiquei ou não, mas cada uma me ensinou alguma lição, para levar para minha vida.

Dos professores não tenho do que me queixar, sempre me dei muito bem com quase todos. Aprendi muito, guardo com carinhos alguns nomes como Norma Lúcia, me ensinou muito, professora paciente, atenciosa e o que



mais me encantava, dava pra ver nos olhos dela o amor e o entusiasmo a cada palavra que saia da sua boca.

Outra pessoa que admiro muito é Solange, professora de matemática, apesar de algumas discordâncias com as “decurebas”, é uma profissional espetacular e muito bem humorada. Além disso, posso citar professores importantes para minha formação, por exemplo: Eliane Cavaleiro, Stella Maris, Sandra Ferraz, Renato Hilário, Erlando Rêses, Fátima Guerra, Nirce Barbosa, além dos professores que não tem diploma de nível superior, mas que são meus professores na vida, em especial os meus pais.

Descubro também as diversas áreas de atuação do pedagogo, mas nada me enche mais os olhos do que o trabalho realizado no CEDEP, com a educação de jovens, adultos e idosos. Sigo meu caminho. Trabalho com educação infantil e me apaixono, me decepção também, mas de uma coisa tenho certeza, sou apaixonada pela educação e em qualquer área de atuação que trabalhar vou fazer o meu melhor.

Hoje continuo no CEDEP, crescendo com os alfabetizandos e alfabetizandas, aprendendo e compartilhando saberes com as alfabetizadoras, colegas estudantes da UnB, professores e todos que participam do GENPEX.

## **PARTE II**

### **MONOGRAFIA**

# **O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS (ES) POPULARES DE JOVENS, ADULTOS DO CEDEP - PARANOÁ: PARTICULARIDADES/DIFERENCIAL E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS POPULARES.**

## **OBJETIVO GERAL**

Verificar a repercussão causada pelo curso de formação inicial de Educadores populares, realizado no CEDEP no início das atividades anuais, em educadores (as) já graduados (os) que atuaram no projeto de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP Paranoá

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Descrever a organização e funcionamento de um Curso Inicial de Formação de Alfabetizadoras/Alfabetizadores Populares do/no CEDEP.
- Verificar se o ensino superior é importante na formação de um educador, para trabalhar junto ao movimento popular na educação de jovens e adultos na comunidade do Paranoá/DF.
- Identificar se a alfabetização oferecida pelo CEDEP influencia na melhoria das condições de vida da população do Paranoá.

## CAPÍTULO 1

### PARANOÁ E CEDEP – HISTÓRIAS QUE SE COMPLETAM

*“Um sonho que se sonha só, é só  
um sonho que se sonha só, mas sonho  
que se sonha junto é realidade”*

*Raul Seixas*

Na década de 1960, com a intenção de promover o desenvolvimento do interior do Brasil e a integração do país, Juscelino Kubitschek, executa o antigo projeto de construção de uma nova capital, a tão sonhada Brasília.

Nesse momento de transformação em que vive o Brasil, com um período de desenvolvimento econômico notável, o governo de JK ganha cada dia mais admiradores e simpatizantes. Por esse motivo, quando oficializada o início das obras para a construção da nova capital, milhares de imigrantes saem de suas terras de origem para seguir e concretizar o sonho de Juscelino, com a crença de uma vida melhor na capital da esperança.

Brasília começa a nascer por entre a terra vermelha do Planalto central, o lugar que antes era só cerrado se transforma pelas mãos dos candangos. Muitos prédios são erguidos, cada um com sua função específica, prédios de uma arquitetura moderna, traços diferentes, projetos muito bem elaborados por arquitetos e engenheiros. Mas dentre tantas moradas não tinha espaço para construir a moradia dos que com suas mãos construíram a cidade.

Isso ocorre com os imigrantes que vem para construir Brasília, e mais especificamente os que construíram a Barragem do Paranoá. Esses candangos concluem a obra de construção da barragem, não querem mais voltar para casa (local de origem) por não terem expectativas de melhoria na

qualidade de vida. Ao final da construção, engenheiros e dirigentes da obra voltam para suas respectivas casas.

Enquanto isso, não tendo onde morar na nova capital, os trabalhadores, ao final da construção, decidem ocupar as casas onde ficavam os engenheiros da obra de construção da barragem do Paranoá. A partir desse momento inicia-se a ocupação da área próxima a barragem.

Quando a notícia da ocupação dessa área de Brasília se espalha muitas pessoas começam a chegar a esse local agora denominado Vila Paranoá.

O aumento da população é rápido, muitas famílias se aglomeram em barraquinhos pequenos, feitos de lona plástica preta, madeirite e papelão. Com esse aumento na população, alguns bens de serviços se tornam necessários para uma vida digna, como por exemplo: água, luz, escola, etc. Nesse momento as autoridades políticas começam dar atenção ao movimento que os moradores da Vila Paranoá fazem em prol da melhoria da qualidade de vida da comunidade ali instalada.

Os governantes da época se recusam a prover os bens de serviços exigidos pela comunidade da Vila, caracterizando-a como ilegal. Daí em diante o Estado começa a rotular a Vila de invasão, para desqualificar o lugar e as pessoas que ali moram, a partir desse momento começa uma “guerra” travada entre os moradores e o Estado. Os ocupantes querem qualidade de vida e o Estado quer acabar com a Vila.

Por esses motivos, os moradores da Vila Paranoá começam a se organizar, primeiro na igreja (só existe uma igreja na Vila, uma igreja católica.), formando grupos de jovens.

Diante da situação vivida, esses jovens “fundam” o Grupo Pró-Melhoria, que vai além dos compromissos religiosos, existe também um compromisso político para com aquela população. Esse grupo tem como objetivo lutar coletivamente por melhoria nas condições de vida da comunidade.

Para que o movimento se fortaleça, os jovens do grupo começam a marcar reuniões com a população, na igreja, com o apoio de um padre (Pe.

Gallea). O grupo começa a discutir os problemas e encaminhar soluções para a superação dos mesmos. A mobilização desse grupo abre espaço e dá confiança para a população “encarar” as autoridades, conversar de igual para igual e reivindicar seus direitos como cidadãos. Algumas coisas mudam por causa dessas iniciativas, pequenas coisas como por exemplo: um chafariz no meio da Vila, uma escola de lata, um telefone público, essas pequenas mudanças levam esperança aos moradores da Vila Paranoá e confiança ao Grupo Pró-Melhoria.

A população da Vila, hoje denominado Paranoá só cresce, muitas pessoas saem de diversos lugares, “fugindo” do aluguel, em busca da casa própria. Com isso o Estado intensifica a fiscalização e começa a derrubar os barracos desses novos habitantes. Com esses novos acontecimentos a comunidade começa a lutar ainda mais pela fixação e o Grupo Pró-Melhoria assume também a Associação de Moradores.

Nesse momento, a tensão para retirada dos moradores no Paranoá aumenta, e os representantes da comunidade (Pró-Melhoria e Associação) vêem a necessidade de procurar apoio. Assim esse grupo de representantes procura a Universidade de Brasília (UnB) para dar suporte às atividades na área de saúde, artes e outras já desenvolvidas.

Apesar de todas as dificuldades que essa população enfrenta nesse momento, mais uma situação é identificada, a alta taxa de pessoas não-alfabetizadas na comunidade. É nesse momento que a população conhece o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização, a alfabetização durava de 4 a 6 meses). Apesar da alfabetização do Mobral ser um programa que propõe uma alfabetização funcional, este foi importante para melhorar a auto-estima das pessoas não-alfabetizadas residentes no Paranoá e fazer com, que estes quisessem continuar os estudos.

Por causa da reivindicação da população, os jovens da associação conseguem algumas salas na igreja para continuação do trabalho de alfabetização. Porém os jovens que estão á frente do “projeto” de alfabetização de jovens e adultos não tem experiência e precisam de ajuda para a

continuação do trabalho, é aí que surge a parceria com a Universidade de Brasília (UnB)- Faculdade de Educação.

Os jovens responsáveis pela alfabetização no Paranoá convencem a professora Marialice Pitaguary (\*1938 - †2009) de que a alfabetização naquele local é importante, mas eles não querem qualquer alfabetização, eles desejam uma alfabetização que fortaleça a luta, uma alfabetização onde o aprendizado da leitura, escrita, cálculos e as demais linguagens, sejam feitos através da discussão e encaminhamentos de superação dos problemas enfrentados pela comunidade naquele momento, ou seja, uma alfabetização para o fortalecimento da luta pela fixação e melhoria das condições de vida.

A partir desse momento as pessoas passam a ter mais consciência da importância de se ter conhecimento dos direitos e saber lutar para que estes sejam respeitados. E a alfabetização comunitária no Paranoá continua.

Depois de muita luta, resistência, conquistas e pedras no caminho, no dia 17 de agosto de 1988, o decreto de fixação da Vila Paranoá é assinado. A partir desse momento a Vila passa a ser chamada de Paranoá (REIS, 2011).

A tão sonhada fixação vem com mais um problema, os governantes da época, não aceitam que os moradores fiquem na área onde estão, querem que as pessoas se desloquem para um espaço um pouco acima, no qual cada família teria um espaço já marcado para morar. Essa estratégia é pensada pelo governo para desmobilizar a comunidade, para que eles causem menos 'problemas' para o governo. A maioria das pessoas aceita as condições estabelecidas, por medo de ficar sem a moradia, dessa forma, se mudam para o local 'planejado'. Porém outros resistem e ficam onde estão. A desmobilização é visível, as pessoas antes vizinhas com vínculos de amizade criados na luta, agora moram ao lado de estranhos que vem de outras localidades para conseguir um lote.

A única atividade que ainda continua firme desde a época da Vila Paranoá é a alfabetização de jovens e adultos, agora sem o apoio da nova direção da associação de moradores, porém ainda conta com o trabalho daqueles "jovens da igreja" e com apoio da UnB.

Nesse momento, surge a idéia de criar uma instituição que concentraria além de diversas outras atividades, a alfabetização de jovens e adultos. *“Um suporte jurídico e político a esses trabalhos que já estavam estruturados.”* (REIS, 2000). Funda-se então o CEDEP: Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, no dia 2 de agosto de 1987.

O CEDEP é uma das primeiras entidades a ter o direito reconhecido e a receber terreno na área de remoção do Paranoá. Hoje é na comunidade a entidade de organismo social com melhor infra-estrutura, e a única a desenvolver trabalhos na comunidade de forma contínua e nas várias modalidades. (JESUS, 2001, p.85)

A entidade tem como eixo norteador do trabalho a continuidade da mobilização para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, tanto na alfabetização, quanto os trabalhos de cultura. Reis explicita o mote da alfabetização de jovens e adultos do CEDEP:

[...] não querem uma alfabetização de jovens e adultos restrita e estrita ao acesso e transmissão á/da norma padrão. Deseja-se uma alfabetização, que contribua ao fortalecimento da mobilização, organização e luta dos moradores por maiores e melhores condições de existência...” (REIS,2011).

A alfabetização de jovens e adultos da antiga Vila Paranoá, é forma de unir, fortalecer e mobilizar a comunidade para o enfrentamento das situações existentes e da luta pela fixação. Por esse motivo a alfabetização do CEDEP, hoje denominada GAJA (Grupo de alfabetização de jovens e adultos), ocorrida e ocorrente (JESUS, 2007), parte do pressuposto de que só aprender a ler e escrever não é suficiente, além disso, temos que conhecer e saber lutar pela melhoria da qualidade de vida individual e da comunidade.

O CEDEP é o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá, mas nas minhas palavras ele é um espaço comunitário, coletivo, organizado, democrático onde ocorrem diversas atividades gratuitas para a comunidade sejam elas culturais, educacionais, profissionalizantes ou informativas. Pessoalmente é um lugar



de encontros, de amizade, de luta constante, de trabalho, de alegrias e vitórias. (MELO, 2009, p.26)

Hoje, o CEDEP, promove diversas atividades ligadas ao lazer, cultura, educação e esporte, estando organizado em grupos. O GAJA é o Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos. Com a perspectiva de uma educação comunitária, popular e libertadora. A alfabetização oferecida por esse grupo segue o princípio de educação como forma de discussão, encaminhamento e superação dos problemas individuais e coletivos, esse é um dos diferenciais do trabalho desenvolvido por esse grupo.

No ano 2000 é inaugurada no CEDEP, a Escola de Informática e Cidadania-EIC, essa tem como objetivo promover a inclusão digital e fortalecer a cidadania, sempre partindo da realidade da comunidade do Paranoá. O trabalho desenvolvido na EIC tem como público alvo a comunidade do Paranoá e alfabetizando (as) do Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos, estes usam a sala da Escola de informática e cidadania como forma de integrar o que aprendem em sala de aula com as novas tecnologias.

Existe também dentro da entidade o grupo que atende crianças da comunidade com idades entre 2 e 5 anos. Esse trabalho é desenvolvido nos turnos matutino e vespertino. As professoras da turma de educação infantil são pessoas da comunidade engajadas no movimento popular.

O grupo de comunicação do CEDEP tem como objetivo principal divulgar a entidade e suas atividades dentro e fora da comunidade do Paranoá.

Um grupo que tem ganhado muito destaque dentro do CEDEP é o grupo de economia solidária, esse tem por objetivo organizar a comunidade em atividades alternativas, conseguindo alguma renda a partir desse trabalho. O que ajuda também os participantes desse grupo a complementar a renda familiar. O grupo de Economia Solidária participa, desde 2003, do Fórum de Economia Solidária do DF e Entorno, fortalecendo ainda mais as atividades rentáveis de forma alternativa na nossa região.

O CEDEP também conta com grupo de cultura, que pretendem resgatar a cultura da comunidade do Paranoá.

Por fim, não posso deixar de citar o Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular E Estudos Filosóficos e Históricos Culturais – GENPEX, que me acolhe desde o meu ingresso na universidade. Esse grupo tem a participação de estudantes da Universidade de Brasília que com orientação e coordenação do professor doutor Renato Hilário dos Reis promove um espaço de troca de saberes entre estudantes da Faculdade de Educação da UnB e o movimento popular.

O CEDEP, enquanto entidade faz parte do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal – GTPA e participa de diversos encontros nacionais e internacionais de educação de jovens e adultos. Essa é uma conquista de mais de 24 anos de trabalho, com educação e cultura no Paranoá, e agora também com a população do Itapoã.

Além de tudo isso, o CEDEP mantém parcerias com entidades que partilham dos mesmos objetivos sociais, com objetivo de oferecer atividades à população, a fim de integrar e mobilizar a comunidade em prol da melhoria das condições de vida no Paranoá e Itapoã.

## CAPÍTULO 2

### O PROCESSO METODOLÓGICO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS (ES) POPULARES DO CEDEP

*“O que temos que fazer na verdade é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia, e assim lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.”*

*Paulo Freire(1987, p.49)*

A educação oferecida pelo CEDEP/UnB acontece de forma diferenciada das escolas. Por esse motivo, as pessoas que se dispõem a participar desse projeto precisam ter uma base do trabalho e conhecer as propostas para se sentir parte do processo. Para isso, os interessados contam com Curso de Formação Inicial de Alfabetizadoras (es) Populares em Educação de Jovens e Adultos do CEDEP/UnB.

O curso de formação inicial do CEDEP acontece anualmente, sempre antes do início das atividades de alfabetização de jovens e adultos na entidade. Isso ocorre justamente para que pessoas da comunidade interessadas em participar do curso e assumir uma turma como alfabetizadora ou alfabetizador popular tenham oportunidade de conhecer melhor os objetivos, forma de trabalhar e diferencial da entidade.

Os (as) educadores (as) são, na sua maioria, da própria comunidade e geralmente possuem o Ensino Médio. Não existem pré-requisitos, mas é desejável demonstrar interesse em trabalhar com educação de jovens e adultos. O curso de formação inicial ou orientação preliminar é anual com duração média 40 horas e geralmente acontece entre os meses de janeiro a março. O chamado é para trabalho voluntário com carga diária de duas horas. (JESUS, 2007, p.96)

O curso é divulgado na comunidade, e em outras localidades, com o auxílio de carros de som, anúncios na rádio comunitária do Paranoá, igrejas, panfletagem nas ruas e mais recentemente através do site do CEDEP.

## **2.1 - Dinâmica do Curso Inicial de Alfabetizadoras (es) Populares do CEDEP**

As atividades do curso de formação inicial são vivenciais (JESUS, 2007). A partir dessa vivência os futuros educadores populares podem entender melhor a dinâmica de acolhimento em sala de aula com as alfabetizadas (os) jovens e adultos.

As atividades começam a partir de uma dinâmica com o grupo participante, para apresentação de todos e todas, partindo do princípio de que para alfabetizar, principalmente jovens e adultos, é necessário conhecer as pessoas, em especial nomes e histórias de vida.

Em seguida, a História do Paranoá é conhecida e/ou reconhecida, a partir da fala de um pioneiro do Paranoá ou integrantes do movimento popular do CEDEP, é importante enfatizar que os participantes do curso têm espaço de fala em todos os momentos, inclusive para relatar suas vivências e lembranças dessa história.

Cada dia do curso tem uma dinâmica para o início das atividades e um abraço coletivo no fim do encontro com o intuito de aproximar as pessoas e externar a amorosidade.

O curso também proporciona um momento que particularmente denominei de re- conhecimento pessoal, uso esse termo por que acredito que nesse espaço os participantes reconhecem suas histórias de vida como algo importante e essencial. A principal proposta nessa fase do curso é as pessoas contarem suas histórias de vida em uma roda de conversa. Geralmente essa 'contação de histórias' acontece com alguma dinâmica envolvida para que o

clima fique mais descontraído e todos possam conhecer as origens e histórias de cada um e cada uma, respeitando seus limites e virtudes.

A história de vida de cada um e cada uma dos participantes do curso também é proposta educativa do CEDEP e inspiração para o trabalho com as alfabetizandas (os) em sala de aula, já que na primeira aula, os educadores precisam também conhecer as origens dos seus alfabetizandos. Esse é um dia em que as pessoas se identificam com as histórias uns dos outros e se entrosam mais.

Outro momento do encontro gira em torno da seguinte questão: Como alfabetizamos? Aqui a pessoa ou pessoas responsáveis por essa etapa demonstram para e com os integrantes do curso inicial, por isso curso vivencial, como se faz a alfabetização no CEDEP, falam da Situação Problema Desafio que é o mote da alfabetização na entidade e sobre o texto coletivo, que faz parte do processo.

“As Situações-Problemas-Desafio referem-se às necessidades econômicas, financeiras, sociais e culturais que caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza econômica e cultural produzida no país.” (REIS, 2011, p. 47)

A Situação Problema Desafio – SPD é resumidamente, um problema que os alfabetizandos reconhecem que existe e que precisa de uma solução para a melhoria das condições de vida, tanto individual quanto coletiva. A partir do momento que esse problema é diagnosticado, os educandos, junto com o educador pensam em uma ou mais forma(s) possível (eis) de superá-lo. Partindo dessa SPD, é produzido um texto coletivo em sala de aula e o educador pode trabalhar todos os conteúdos (matemática, português, ciências, história, geografia, informática, e outras linguagens). Essa é a didática usada em sala de aula, além de recursos para auxiliar as alfabetizandas (os) e alfabetizadoras (es) no processo de alfabetização.

No encontro posterior é trabalhado os níveis: Pré-silábico, Silábico e Alfabético. Esse é um dia de intensa discussão, pois os participantes desejam saber exatamente como se dá essa diferenciação de níveis e como se pode trabalhar com cada um desses em sala de aula.

Geralmente no último dia do curso, é organizada uma oficina de matemática, pois está constatado, durante anos de trabalho em educação popular, que a matemática tem que ser trabalhada de forma concreta com as alfabetizandas(os), para um melhor resultado na aprendizagem. Para essa fase do curso deu-se o nome de: Como trabalhar matemática?

É importante enfatizar que sempre ao final de cada dia do curso é realizada uma avaliação coletiva que resultam em relatórios que posteriormente são arquivados no CEDEP e utilizados para construção do próximo curso de formação inicial.

Vale salientar que não é nesse curso inicial que se “forma” um educador no CEDEP. No decorrer do ano são realizados vários cursos, atividades e oficinas para os alfabetizadoras (es) e alfabetizandos (as), discutirem dificuldades e aprenderem um pouco mais. Pois acreditamos que a cada dia estamos nos formando e sendo formados a partir da interação com o meio e com as pessoas.

Quanto à organização do encontrocurso inicial, esse é feito com a participação do Grupo de Educação do CEDEP, incluindo estudantes e professores da UnB e alfabetizandos que se interessarem. Uma união que faz a diferença durante o caminhar de cada encontro e durante o ano letivo.

O Curso de Formação Inicial de Educadores Populares do CEDEP emite em parceria com a Universidade de Brasília um certificado de participação, para as pessoas que tiveram mais de setenta e cinco por cento de frequência no encontro.

O Curso de formação 1º/2011 foi marcado por dinâmicas e troca de conhecimentos. Abaixo faço um resumo das temáticas desenvolvidas:

Os temas trabalhados são variados tais como: \* História do CEDEP e GENPEX: 31/01 – Nesse dia o objetivo era contar a história do CEDEP e do GENPEX enfatizando a parceria Paranoá/UnB, através de encenação de um programa de rádio.

- História de vida dos participantes do curso de formação: 01/02 e 02/02– Importância da história de vida de cada pessoa participante do curso.
- Perfil das alfabetizadoras e alfabetizadores: 03/02 – O que espera-se de uma alfabetizadora ou alfabetizador em sala de aula.
- Resgate Histórico do Sujeito Alfabetizando: 04/02 – Com a participação de alfabetizandos do CEDEP.
- Formação Política e Economia Solidária: 07/02 e 08/02
- Identificação dos níveis e como trabalhá-los: 09/02 e 10/02: Como identificar o nível de cada alfabetizanda (o) e de que forma trabalhar com cada um dos níveis (iniciante, intermediário e concluinte).
- Situação Problema Desafio e Importância política da participação nos fóruns: 11/02 e 14/02 – O diferencial do CEDEP, situação problema desafio e a importância da participação de cada uma e cada um nos fóruns.
- Texto coletivo: 15/02 – Como fazer um texto coletivo e como trabalhá-lo em sala de aula.
- Como trabalhar outras linguagens: 16/02 e 17/02 – Como trabalhar outras linguagens além do português e matemática tradicionais.

## **2.2 - Estrutura pedagógica do GAJA- Grupo de Alfabetização de Jovens E Adultos**

As turmas de alfabetização de jovens e adultos do GAJA, são formadas de no máximo 20 alfabetizandas (os) e 2 alfabetizadoras(es) em cada sala.

As matrículas dos (das) alfabetizandos (as) são realizadas na sede do CEDEP ou em visitas domiciliares realizadas pelas alfabetizadoras (es), no intuito de convidar pessoas, que não tiveram acesso à escolarização/alfabetização, essas visitas são muito importantes, diria até essencial, para que os alfabetizandos se sintam acolhidos antes mesmo de entrar em sala de aula. Esse também um diferencial do trabalho realizado pelo CEDEP.

Os (as) alfabetizandos (as) quando chegam ao CEDEP, passam por uma sondagem, com o intuito de identificar o que eles já conhecem para serem encaminhados para suas respectivas turmas: pré-silábica, silábica ou alfabética, ou como é nomeado na entidade: iniciante, intermediário e concluinte.

Nas turmas são trabalhadas coletivamente, as condições de vida de cada um e da comunidade, para que juntos possam chegar a uma Situação Problema Desafio- SPD (já mencionada anteriormente). A SPD é discutida em sala de aula, a educadora ouve o que cada alfabetizando tem a dizer sobre o problema e uma solução possível para o mesmo. Com esses relatos e discussões acerca do problema em sala de aula, cada turma do CEDEP, leva a sua SPD para um encontro com todas as turmas da Entidade, que geralmente acontece às sextas-feiras e é denominado FÓRUM – Encontro de Convivência Coletiva e Aprendizagem Recíproca, que acontece uma vez ao mês.

O Fórum é uma reunião geral, uma grande aula coletiva, com a participação de todos os alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes da organização



popular, professores, alunos, técnicos da UnB. Há também a previsão da participação dos já alfabetizados, como uma das formas de oxigenação da prática da alfabetização [...] (REIS, 2011, p.47).

No fórum, cada turma relata sua SPD. Após esse relato e defesa da SPD, há uma votação para escolha de uma SITUAÇÃO PROBLEMA DESAFIO comum a todos. A SPD mais votada é trabalhada em todas as turmas do CEDEP, almejando sempre uma superação para a problemática. A partir dessa SPD são trabalhados todos os conteúdos convencionais (português, matemática, história, geografia, ciências, informática, etc.).

Ao final (superação) de cada SPD, o ciclo se refaz e outra SPD é discutida, votada e trabalhada pelas alfabetizandas (os) e alfabetizadoras (es).

O fórum é espaço de convivência de todos e todas participantes do CEDEP, espaço que garante autonomia e fala dos sujeitos participantes, dessa forma Melo (2009) diz:

O objetivo do espaço do fórum é garantir a autonomia dos sujeitos assumindo-se do processo em que estão envolvidos. Dessa forma, estudantes da UnB, movimento popular, alfabetizandos e alfabetizandas, alfabetizadoras e a coordenação estão em roda para assumirem responsabilidades no ato educativo e processual da comunidade. Os problemas externos a sala tomam conta dos muros e das falas dos participantes. (p.50)

## CAPÍTULO 3

### O DIÁLOGO ATRAI NOVAS PARTICIPANTES

*A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido...*

*Paulo Freire*

Esse capítulo traz as considerações de três alfabetizadoras populares sobre o curso de formação inicial oferecido pelo CEDEP. Foram realizadas entrevistas gravadas e transcritas integralmente para melhor aproveitar os dados e as falas das entrevistadas.

Os critérios utilizados pra escolha das alfabetizadoras, sujeitos da pesquisa foram: ter participado de pelo menos um curso de formação inicial, ter atuado como alfabetizadora nas classes de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP e ter concluído a graduação.

Para começarmos uma conversa, primeiro precisamos nos apresentar, como fiz no começo do trabalho (memorial). Dessa forma, apresento a você as pessoas que a partir de agora entrarão no nosso diálogo, com suas falas, reflexões e significações acerca do curso de formação inicial do CEDEP.

Apresento-lhe, Maria Helena Lira Costa de Sousa, formada em pedagogia em uma instituição privada, moradora do Paranoá e atuante no CEDEP desde 2001, incluindo trabalho com alfabetização e jovens e adultos.

Cilene Gouveia Damasceno é graduada em letras português/inglês em uma instituição privada, participa do CEDEP há seis anos como alfabetizadora integrante do grupo de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP.

Por fim, apresento-lhe Ana Maria Pinheiro, pedagoga formada em 2006, também em uma instituição privada, participou quatro anos do grupo de

alfabetização de jovens e adultos do CEDEP, como alfabetizadora popular e hoje participa da coordenação de outras atividades do CEDEP.

### **3.1 – Relatos de quem vive o processo de um curso de formação diferenciado**

Quando perguntada sobre o diferencial do curso, Maria Helena afirma que o curso de formação inicial do CEDEP, tem aspectos diferenciados dos cursos que se destinam a “formar” (entenda a palavra formar como uma orientação preliminar, pois a formação de um educador acontece de forma contínua, todos os dias no contato com seus educandos) alfabetizadores de adultos de uma forma geral. O curso do CEDEP dá ênfase ao reconhecimento dos saberes acumulados trazidos por seus alfabetizandos, sejam eles, jovens ou adultos. Segundo FREIRE (2002), ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, pois são saberes construídos ao longo de suas histórias de vida.

*[...] “O curso de formação inicial é excelente, dá muita idéia, sugestão, complementa no conhecimento de como trabalhar com jovem e adulto, por que ele é diferente da criança, então você precisa ter toda uma didática é.. não sei se é bem uma formação , mas seria uma didática diferenciada de como lidar com a criança, por que ele já é adulto , ele já tem uma bagagem, um conhecimento, então você tem que saber lidar com esse aluno. O importante do curso é isso mesmo..é a questão de como saber lidar com esse adulto, que tem todo uma bagagem e que chega pra ser alfabetizado.”*

Segundo Jesus (2007) a práxis (usarei a partir desse momento a palavra práxis, que significa a ‘junção’ entre teoria e prática) pedagógica do CEDEP é coletiva e acontece em todos os momentos, dentro e fora de sala de aula e inclusive nos momentos de planejamento de aulas.

Na fala de Cilene nota-se como diferencial do curso de formação inicial oferecido pelo CEDEP a construção coletiva, que pode trazer benefícios á comunidade e quando isso não acontece você consegue identificar fazendo uma avaliação do seu trabalho como alfabetizador (a) e muda sua postura.

*“[...] É um curso muito engrandecedor por que esse curso faz com que você reflita a sua prática naquela comunidade, é um curso que faz com que você queira participar, é que quando você descobre o que a comunidade precisa, você automaticamente reflete se você tá sendo o diferencial na sua comunidade ou não. Então se você tá sendo esse diferencial você passa a avaliar sua prática e tenta mudar de postura.”*

Freire (1979, p.19) escreve sobre a importância de desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, evitando assim o ajuste do indivíduo à sociedade e a domesticação do indivíduo.

Ana Maria, depois de quatro cursos de formação, nos trás uma síntese completa do que representa e repercute esse curso de formação inicial para as (os) alfabetizadoras (es) que participam e atuam no CEDEP.

*“[...] “ele (o curso de formação inicial) desenvolve e aborda várias temáticas que dos cursos que eu participei ainda não tive acesso. O texto coletivo, desenvolvendo a situação problema desafio, a forma de você abordar o educando e a educanda no momento que ele chega pro ensino de EJA , para ser alfabetizado. A questão da afetividade que a gente desenvolve aqui no CEDEP com os participantes da alfabetização de jovens e adultos.É um curso muito bom, muito rico,por que ele desenvolve e apresenta várias temáticas, que são utilizadas durante a alfabetização de jovens e adultos no CEDEP. Esse curso aqui no CEDEP, já tem todo um histórico, e ele dá uma base muito boa para quem está começando na alfabetização de jovens e adultos.”*

### **3.2 – A contribuição do curso de formação inicial ao trabalho com os jovens e adultos em sala de aula**

Sobre a contribuição que esse curso de formação pode dar ao trabalho cotidiano em sala de aula no CEDEP, Maria Helena nos diz que existe um aprendizado mútuo importante entre alfabetizadoras e alfabetizados (as) e entre as (os) alfabetizadoras (es).

*“A troca de experiência, por que você faz um curso, você aprende muito com os colegas do curso e aprende com o próprio alfabetizando.”*

Cilene afirma que esse curso, abre uma visão nova sobre a educação, uma educação que contempla a necessidade do educando. Uma educação que não fica só no ensino do cálculo, leitura e escrita. Que busca atender as ansiedades e problemas do cotidiano vivido pelas alfabetizandas (os). É um curso que trás para esse sujeito aprendizagem e conscientização dos seus direitos e deveres. A fala de Cilene nos faz lembrar Freire (2002, p.15), pois este enfatiza a importância de ensinar ‘conteúdos’ a partir da realidade vivida pelos alfabetizandos (as). Acerca do curso de formação inicial e a aprendizagem para a vida, uma aprendizagem que vai além da alfabetização tradicional, Cilene nos diz:

*“Na sala de aula do CEDEP, o curso me auxiliou assim, por que justamente ele abre essa sua visão, faz com que você perceba as coisas que tem diferente, o que você pode fazer diferente. Não é aquele curso que te ensina só no caso, a ensinar 1,2,3,4.. ba, be, bi ,bo, bu.. não. É um curso que você vai..que você tanto aprende que você tem direitos e deveres e você passa a ensinar para os seus educandos também que eles também tem direitos e deveres.”*

Ana Maria revela que o auxílio maior é na metodologia que precisa ser trabalhada em sala de aula, pois esclarece a alfabetizadora (or) da importância da participação ativa do alfabetizando em sala de aula, inclusive na escolha e discussão dos temas a serem trabalhados. Acerca da participação do alfabetizando.

*“Auxilia na metodologia. A gente aprende as metodologias que podem ser melhor desenvolvidas em sala de aula, temáticas, a gente consegue trazer os alfabetizandos á participar das discussões. Os temas são tirados por eles mesmos, dentro da roda, dentro dos fóruns e isso contribui muito pro desenvolvimento das atividades em sala de aula, por que aí não é uma surpresa, não é uma escolha do educador, do facilitador, e sim uma escolha de todos os alunos”*

Ainda sobre a participação das (os) alfabetizandas (os), JESUS, 2007 diz: [...] no CEDEP todos e todas têm direito a voz e decisão e essa abertura, esse acolhimento, encoraja a participação dos (as) alfabetizandos (as).

### 3.3 – O curso e a alfabetização oferecida pelo CEDEP: influências e significações

Quando questionadas acerca da influência da alfabetização oferecida pelo CEDEP, para melhoria das condições de vida da população do Paranoá, a afirmativa é consensual. Alfabetizar, formar uma pessoa, é muito mais do que ensinar a ler e escrever, é muito mais do que treinar, FREIRE (2002), é ajudá-lo a descobrir o mundo. Maria Helena afirma isso através de um exemplo:

*“Na medida em que você vai adquirindo conhecimentos a sua vida melhora.. A questão do ônibus pro analfabeto, quantas vezes você tá na parada e ele tá lá pedindo informação pra você: Ah, quando vier ônibus ‘tal’ você me avisa! E como eu moro aqui no Paranoá, eu tenho percebido que esses alunos que passaram por nós(CEDEP), eles estão na parada e eles mesmos identificam os ônibus, ele mesmo já sabe pegar seu próprio ônibus”*

Na fala de Cilene, podemos perceber a seriedade do trabalho oferecido pelo CEDEP para a comunidade do Paranoá, e a repercussão desse trabalho na vida dos alfabetizandos (as) e alfabetizadoras (es). Ela acredita que as pessoas precisam trabalhar em prol da comunidade em que vivem, com intuito de melhorar as condições de vida da população.

*“O CEDEP ele tem o interesse de...(pausa) é realmente formar pessoas pra trabalhar na comunidade, não como uma entidade que quer se mostrar, mas que a pessoa valorize a sua comunidade, que a pessoa passe esses valores para a comunidade. E que essas pessoas também engrandecem a comunidade que trabalham ,ou seja, que engrandecem a comunidade que convivem. Por que como a gente convive nessas comunidades a gente...(pausa).ou você deixa a comunidade de lado ou você pega a comunidade pra si, então eu acho que os cursos do CEDEP faz com que a gente pegue isso pra gente, a gente tem que mudar a comunidade que a gente vive.”*

Na percepção de Ana Maria, o curso influencia na melhoria das condições de vida dos alfabetizandos (as), já que contribui para formação de um sujeito crítico, político e comprometido com a comunidade do Paranoá.

*“O curso influencia muito na alfabetização, eles começam a se transformar, a gente percebe essa transformação deles enquanto sujeitos políticos dentro da própria comunidade. A própria metodologia que é utilizada para alfabetizar acaba contribuindo, por que a gente trabalha questões relacionadas ao cotidiano deles, questões de saúde, política, educação, várias temáticas que a gente consegue ter um envolvimento deles e a participação. Até pra resolver a situação de vida deles, que muito deles, não conseguem resolver sozinhos e acabam trazendo para o grupo e a gente resolve coletivamente.”*

### **3.4 – O Curso superior e sua contribuição para formação de um educador atuante na comunidade**

Por fim, Maria Helena nos conta se o curso superior contribuiu para a formação de um educador atuante na comunidade do Paranoá. Apesar de afirmar que a graduação ajudou no trabalho em sala de aula, Maria Helena, não nos diz que auxílio essa formação lhe deu para o trabalho com educação de jovens e adultos no movimento popular. Ela relata que durante todo o curso de pedagogia, teve acesso a uma (1) disciplina que abordava o tema educação de jovens e adultos, porém com pouca profundidade e somente teoria, excluindo daí a prática tão necessária ao trabalho docente.

*“De uma certa forma (auxiliou) sim, mas ele( curso de graduação em pedagogia) foi muito vago, por que quando eu fiz...quando eu fiz o normal superior pra séries iniciais eu tive um semestre só de alfabetização de jovens e adultos e foi assim bem vago. Mas.. contribuiu sim. Teoria, a gente leu muito, era muita teoria, não teve prática. Foi teoria, não teve uma troca assim na prática, essa prática não houve.”*

Cilene nos mostra que a graduação é um diferencial para um educador, tanto para conhecer a teoria, mas enfatiza que o curso superior é mias voltado para teoria, para gramática. Assim, destaca a importância do curso oferecido pelo CEDEP, como a preparação para a prática, diferente da graduação que dá ênfase na teoria. Ela relata também que o que aprendeu no CEDEP, levou para a sua prática no curso de graduação.

*“Ah..com certeza, por que você vê assim, você sendo graduada você pode contribuir mais ainda pra comunidade né?. Então, quando você não tem graduação você faz as coisas muito sem saber o que está fazendo, você faz as vezes por fazer. Quando tem essa graduação você percebe: eu sei como fazer, o que fazer e eu tenho esse diferencial pra fazer. Não é só a graduação mas, como você passa por vários cursos.. a graduação te ajuda nesse diferencial, por que você vai trabalhando, trabalhando e percebe: Já tenho a formação, sei como fazer isso, e posso fazer diferente. No curso(graduação) é mais voltado mesmo pra gramática, então no meu caso, se eu não tivesse os cursos do CEDEP, eu não teria esse diferencial que eu acho que eu tenho, então eu acho que mais o CEDEP me ajudou no meu curso(graduação) do que o meu curso me ajudou no CEDEP(nas aulas). Então foi ao contrário, eu acho que o eu ganhei/aprendi do CEDEP, eu levei para a minha prática no meu curso(graduação), no meu dia a dia.”*

Ana Maria é enfática quando pergunto sobre a contribuição do curso superior para a formação de um educador atuante na comunidade do Paranoá, ela nos diz que o local que cursou graduação não oferecia a disciplina educação de jovens e adultos e essa lacuna afasta os estudantes, da realidade da comunidade em que vivem. Dessa forma, podemos deduzir que o curso oferecido pelo CEDEP completa a formação oferecida pelas instituições de nível superior.

*“[...] já refleti muito sobre isso e uma das principais questões que contribui pra que o curso não...não ..a gente não consegue ser um educador atuante na comunidade, é a própria falta da disciplina educação de jovens e adultos que não faz parte do currículo, não fez parte do meu e em várias outras faculdades também não faz parte, então isso acaba que te afasta um pouco dessa realidade.”*



## **Refletindo a partir das falas**

Refletindo a partir das falas das alfabetizadoras entrevistadas percebemos que há repercussão do curso de formação inicial de alfabetizadores (as) populares do CEDEP na vida e prática educacional de nossas entrevistadas. Para os sujeitos de pesquisa, o curso faz toda a diferença, pois ensina o alfabetizador (a) a fazer o reconhecimento dos saberes acumulados dos adultos em processo de alfabetização. O diferencial da construção coletiva do curso, lembra que como alfabetizadores devemos fazer a reflexão das nossas práticas todo tempo, essa reflexão leva o alfabetizador (a) a ter uma nova visão de mundo, com o objetivo de beneficiar o alfabetizando.

O curso sintetiza de forma clara e objetiva que, a alfabetização de adultos do CEDEP/Paranoá trabalha no sentido de ter uma educação de adultos diferenciada do que a educação real vivida na rede pública na modalidade de educação de jovens e adultos do Distrito Federal.

Ainda segundo os sujeitos de pesquisa, o curso destaca também como o método de ensino, o princípio da situação problema desafio, vivido e contado por Reis (2000).

“As Situações-Problemas-Desafio referem-se às necessidades econômicas, financeiras, sociais e culturais que caracterizam o cotidiano vivido/enfrentado pelos moradores do Paranoá, como decorrência da lógica excludente inerente à distribuição da riqueza econômica e cultural produzida no país.” (REIS, 2011, p. 47)

A alfabetização oferecida pelo CEDEP tem como mote a melhoria das condições de vida da população do Paranoá/Itapoã, através da educação e do enfrentamento dos problemas da/na comunidade. Esse é considerado também pelos sujeitos da pesquisa como diferencial.

A processo de construção do conhecimento, acontece de forma conjunta entre alfabetizandos(as) e alfabetizadoras(es), como forma de desmitificar a soberania do professor/educador em relação ao estudante (SANTOS, 2010), por isso também, as estratégias de ensino são decididos coletivamente, nos Fóruns -Encontros de Convivência e Aprendizagem Recíproca.

Os Fóruns contribuem para o desenvolvimento das aulas, por ser um espaço coletivo de aprendizado mútuo e horizontal, todos devem ouvir e serem ouvidos.

A afetividade foi lembrada na fala de Ana Maria como sendo algo muito importante na educação oferecida pelo CEDEP, pois o acolhimento é essencial para que os alfabetizandos se sintam motivados a continuar a escolarização. De acordo com REIS (2000), esses espaços que permitem tanto a troca de conhecimentos, quanto de afetividade, contribui para a constituição de um sujeito de poder, saber e sentimento. A afetividade ou amorosidade é pré-condição e condição indispensável à descoberta e aprendizado do sujeito ao tornar-se humano (REIS, 2011) faz parte da descoberta do ser humano como sujeito que aprende.

Assim como a afetividade/amorosidade, a participação dos alfabetizandos é de extrema importância no processo de alfabetização. Pois, segundo JESUS (2007), quando se tem o poder de fala e escuta, observa-se também uma participação mais legitimada e um maior compromisso com esse processo de alfabetização.

O curso de formação inicial também contribui para a formação de um educador atuante na comunidade, pois a intenção do curso é justamente discutir com os alfabetizadores (as) questões ligadas à comunidade do Paranoá, para que eles e elas possam utilizar as formas e didáticas trabalhadas no curso de formação inicial, também em sala de aula com os alfabetizandos e alfabetizandas. Segundo os sujeitos da pesquisa, esse é um ponto positivo no trabalho do CEDEP, pois no CEDEP é trabalhada a prática, diferente dos cursos superiores em que as entrevistadas cursaram.

De acordo com as alfabetizadoras entrevistadas, só o curso superior é insuficiente para alfabetizar jovens e adultos, por causa da inexistência da práxis nas instituições privadas. Como complemento à teoria oferecida pelos cursos superiores, destacam a prática oferecida pelo CEDEP através do curso de formação. Além disso, Ana Maria revela a realidade de algumas instituições de nível superior privadas: a inexistência de qualquer informação sobre

educação de jovens e adultos, não existe disciplina de educação de jovens e adultos. A constatação da inexistência de disciplinas ou informações sobre a educação de jovens e adultos, responde o porquê do despreparo de educadores acerca da educação de jovens e adultos e a grande procura por cursos práticos, como o curso de formação inicial de alfabetizadoras (es) populares do CEDEP, que complementem as teorias já apreendidas nos cursos superiores.

A formação e atuação junto ao movimento popular, oferecida pelo CEDEP, aproximam as pessoas da comunidade do Paranoá, da realidade vivida por esta comunidade. E a partir da reflexão sobre essa realidade, as pessoas mudam suas práticas e posturas diante dos problemas enfrentados pela comunidade, o problema deixa de ser individual para se tornar coletivo. Por isso, a importância da reflexão e conscientização, as pessoas precisam participar ativamente da comunidade para se sentir parte da mesma.

É importante ressaltar que a conscientização é fruto de reflexão e prática, pois para conscientizar-se não basta conhecer a realidade, é preciso atuar para mudança dessa realidade, isso sim é conscientização, isso é a práxis (conscientização + prática) de que nos fala FREIRE (1979). Ainda segundo FREIRE (1979), o homem não pode participar da transformação da sociedade em que vive sem tomar consciência da realidade.

Educação de verdade é aquela que desenvolve a criticidade dos estudantes, que estimule a participação na comunidade em que vive que aproxime o estudante da realidade dessa comunidade. Isso deve valer desde a alfabetização de jovens e adultos, no movimento popular e escolas públicas regulares, até o ensino superior.

Sobre o ensino superior, vale destacar principalmente em cursos de formação de professores, a importância da relação teoria e prática, ou práxis como estou usando para denominar a relação anteriormente citada.

Importante destacar também que o curso realizado pelo CEDEP não é perfeito, dessa forma, conta com constantes adaptações e avaliações da

práxis, como forma de estimular a participação da comunidade em prol de um objetivo maior, ou seja, em prol da erradicação do analfabetismo no Paranoá.

Concluo dizendo que toda pesquisa segue o seu curso e da continuidade a outras, mas, a análise até este ponto desta pesquisa, traz nas falas das alfabetizadoras graduadas que atuam/ atuaram na alfabetização de jovens e adultos do CEDEP, que este curso de formação e a atuação destes sujeitos alfabetizadores por ele formados têm fortes repercussões em todos os aspectos de vida, tanto no campo profissional como pessoal dos sujeitos participantes do curso de formação inicial e em processo em educadores (as) graduadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, proponho verificar a significação que alfabetizadoras (es) do CEDEP, graduadas, têm do curso de formação inicial de alfabetizadoras (es), nesse sentido, descrevo a dinâmica do curso de formação inicial e a partir das falas das alfabetizadoras entrevistadas, se há importância do ensino superior para formação de um educador atuante na comunidade do Paranoá e a relação entre teoria e prática (práxis) oferecida pelas instituições de ensino superior.

O curso de formação inicial de alfabetizadoras (es) populares do CEDEP/UnB, é uma forma de sensibilizar os moradores do Paranoá acerca realidade da comunidade e incentivar a participação na melhoria das condições de vida dos moradores do Paranoá. Sobre essa realidade vivida, principalmente por pessoas não alfabetizadas, Maria Helena (alfabetizadora entrevistada) conta a dificuldade dessas pessoas, “quantas vezes você tá na parada e ele tá lá pedindo informação pra você: Ah, quando vier ônibus ‘tal’ você me avisa!”.

Maria Helena comenta também que por ver as dificuldades de pessoas não alfabetizadas, em fazer tarefas que para nós parece simples, como ler a placa de um ônibus, para eles (não alfabetizados) é simplesmente uma tortura. Dessa forma, Maria Helena se sensibiliza com realidade vivida por essas pessoas e ingressa como alfabetizadora do CEDEP.

A comunidade do Paranoá é privilegiada por ter um espaço de formação crítica - transformadora, tendo como base a realidade, dos moradores e que reúne todos os saberes em prol da melhoria de vida coletiva.

A escola deveria ser o primeiro espaço a incentivar as pessoas a participar efetivamente da comunidade em que vivem, já que é oficialmente um local de formação de pessoas. Deveria também prepará-los para analisar de forma crítica a realidade, bem como suas possibilidades de atuação para mudança dessa realidade. Pois a partir do momento que conhecemos a realidade e refletimos sobre a mesma, temos maior chance de nos comprometermos, no sentido de atuar para melhoria dessa realidade.

Ao descrever o curso de formação inicial de alfabetizadores (as) populares do CEDEP, podemos perceber a importância da historicidade, tanto a história da entidade quanto da história de vida de cada participante do curso, para a identificação do alfabetizador (a) com a realidade do Paranoá e a realidade vivida pelos alfabetizados e alfabetizadas que ingressaram na alfabetização de jovens e adultos do CEDEP. A proposta do curso é fazer uma orientação inicial nos moldes da proposta pedagógica do CEDEP (problematização/discussão/superação dos problemas) para que os futuros alfabetizadores possam aprender praxicamente( vem de unidade dialética: teoria e prática) uma proposta de alfabetização como produção de consciência, transformação dos sujeitos e da realidade micro e macro na qual estão inseridos.

Segundo Cilene, o CEDEP a partir do curso de formação inicial e até mesmo através da história de fundação da entidade instiga as pessoas a refletir as práticas na comunidade, além de auxiliar autoavaliação crítica da participação na comunidade em que vive.

Como moradora do Paranoá, integrante do movimento popular, participante das atividades de alfabetização de jovens e adultos do CEDEP e graduanda do curso de pedagogia da UnB, destaco a importância da parceria UnB/CEDEP, essa união faz com que os estudantes do curso de pedagogia conheçam a educação popular de jovens e adultos, a partir da práxis oferecida por grupos como o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular Estudos Filosóficos e Históricos – Culturais (GENPEX). Esse também é um diferencial do curso de pedagogia da UnB, pois estimula a práxis e a (con)vivência com a sociedade.

Essa pesquisa também nos faz refletir sobre a relação teoria/prática nas instituições que oferecem cursos de formação de professores. Muitas dessas instituições não oferecem essa práxis, o que dificulta a aproximação com a realidade que os esperam. Essa carência de práxis se revela ainda mais nas falas de Ana Maria e Maria Helena, quando questionadas sobre a disciplina educação de jovens e adultos e o curso de pedagogia. Acerca desse assunto, elas nos contam que não tiveram sequer acesso à disciplina educação de jovens e adultos na instituição de ensino superior na qual se graduaram. Ana

diz: “[...] a própria falta da disciplina educação de jovens e adultos que não faz parte do currículo, não fez parte do meu e em várias outras faculdades também não faz parte [...]”. Maria Helena completa dizendo que teve algumas informações sobre o método de alfabetização de Paulo Freire no curso normal superior, mas foi muito pouco *“[...] ele (curso de pedagogia) foi muito vago [...] quando eu fiz o normal superior pra séries iniciais eu tive um semestre só de alfabetização de jovens e adultos e foi assim bem vago”*

No decorrer da pesquisa um dado importante nos faz refletir sobre a importância da práxis na graduação nos cursos de formação de professores, mas especificamente professores de educação de jovens e adultos.

Os dados colhidos a partir das falas das alfabetizadoras, sujeitos da pesquisa, demonstram que algumas instituições de ensino superior preparam os estudantes de forma superficial, pois não integram a teoria à prática, muito menos auxiliam os estudantes na reflexão de suas práticas na comunidade em que vivem. Daí a dificuldade de entender os alfabetizandos (os) e suas especificidades dentro e fora de sala de aula, ou seja, não conhecem e/ou reconhecem a realidade vivida na comunidade em que a escola está situada. Por esse motivo destaco a importância do curso de formação inicial do CEDEP ao oferecer e entender a prática como indispensável para formação de uma alfabetizadora (o) atuante e comprometida com a realidade de seus alfabetizandos (as).

Com relação à prática e os conhecimentos que desenvolve no CEDEP junto aos alfabetizandos (os), Cilene diz que aprendeu mais na prática em sala de aula da alfabetização de jovens e adultos do que na graduação *“[...]eu acho que o eu ganhei/aprendi do CEDEP, eu levei para a minha prática no meu curso(graduação).”*

A alfabetização oferecida pelo CEDEP influencia na melhoria das condições de vida das pessoas, tanto dos alfabetizandos (as), quanto das alfabetizadoras (es) e licenciandos (as) da UnB, pois essa alfabetização de jovens e adultos pretende ‘formar’ um sujeito alfabetizado e como tal com competência e consciência de poder transformar-se, transformando e sendo transformado com e pela comunidade em que vive.

Vale ressaltar que esse curso é uma formação inicial que prioriza a práxis e envolve o participante com as necessidades dos moradores do

Paranoá, é um curso que está em constante construção. Dessa forma, sempre há o que melhorar e repensar.

Pensando o processo de construção dessa formação inicial alguns pontos desse curso que podem ser melhorados, por exemplo, ainda é pequena a participação dos grupos do CEDEP (exemplo: grupo de cultura, grupo de esporte, informática, economia solidária etc.), dessa forma proponho a participação de todos e todas que integram a entidade.

É de extrema importância o envolvimento de todos e todas as pessoas e grupos participantes do CEDEP, cada grupo desenvolveria uma atividade para complementação do curso e para que os participantes tenham a possibilidade de conhecer todas as frentes e grupos de atuação do CEDEP, dessa forma, esses participantes teriam mais opções de integrar o movimento popular e não somente o grupo de alfabetização de jovens e adultos (GAJA). Apesar de o curso priorizar a formação inicial para pessoas interessadas em serem alfabetizadoras (es) populares, seria interessante que a proposta se estende-se e também incentivasse os participantes a ingressarem em quaisquer dos projetos do CEDEP. Além de ser um curso que destacaria também o mote da entidade, a coletividade.

Outra sugestão para a melhoria do curso de formação inicial é a periodicidade, seria interessante que o curso seja oferecido no mínimo duas vezes ao ano, para que os interessados em ingressar no CEDEP como alfabetizador, possam ter oportunidade de participar desse momento inicial e já integrar o grupo de alfabetização, sem necessariamente esperar a próxima formação inicial. Enfim, são alguns detalhes que podem auxiliar e divulgar as atividades do CEDEP.

Por fim, destaco a importância de espaços de formação como o CEDEP, os quais convidam a comunidade à formação continuada, reflexiva, prática e crítica a partir da realidade vivida. Acredito que esse trabalho nos ajuda a (re) pensar nosso papel na sociedade/comunidade que vivemos: para que serve toda a teoria e todo conteúdo cognitivo conceitual apreendido em uma escola ou instituição superior de ensino, se não é compartilhado e produzido simultaneamente com a comunidade na qual estamos inseridos?



**PARTE III**

**PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

## **PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Desde antes de ingressar na Universidade de Brasília, ao desenvolver trabalhos com o grupo de alfabetização de jovens e adultos no CEDEP, sabia que gostaria de trabalhar na área de educação, mas não tinha certeza se gostaria de ser professora de alguma disciplina específica ou pedagoga. Porém, quando comecei o curso de pedagogia na UnB, descobri muitas possibilidades para o pedagogo (a) e me identifiquei ainda mais com o meu curso e os profissionais da área.

Durante o percurso na UnB, vivenciei algumas experiências, desde trabalho com crianças na educação infantil até a educação de jovens e adultos. Mas meu desejo maior é trabalhar com os jovens e adultos, pois dediquei todo o meu curso e disciplinas cursadas, para ajudar na alfabetização de jovens e adultos oferecida pelo CEDEP. Porém acredito que a educação é minha paixão e em qualquer área que atuar, vou fazer o meu melhor.

Diante de todo o meu percurso com a educação de jovens e adultos, pretendo também continuar a minha formação, ingressar no mestrado e continuar os estudos e minha inserção prática na minha comunidade, tudo no seu tempo, respeitando meus limites e potencialidades.

Por fim, mas não menos importante espero poder continuar contribuindo para os trabalhos desenvolvidos no CEDEP/GENPEX - UnB e estar como alfabetizadora popular mais uma vez, pois como enfatizei durante todo esse trabalho, nós que tivemos a oportunidade de estar em uma instituição de nível superior, devemos produzir conhecimentos com a comunidade e compartilhá-los.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Conscientização – Teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

JESUS, Maria Leila de. **A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UnB na escola pública do Paranoá-DF**. 2007. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARIZ, Ricardo Spindola. **“O Cotidiano como práxis pedagógica emancipatória na formação em processo de alfabetizadoras(es) de camadas populares: O caso do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – DF”**. Dissertação de Mestrado. Brasília. Faculdade de Educação/UnB. 2004.

MELO, Jaqueline dos Santos. **A constituição do Pedagogo e sua Formação em Processo, na Educação de Jovens, Adultos e Idosos do Projeto Paranoá. Brasília/DF**. Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação 2009.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos**. 2000. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Constituição do Ser Humano: Amor/Poder/Saber na Educação/Alfabetização de Jovens e Adultos**. 1ed. Coleção Políticas Públicas de Educação/UnB, Brasília, 2011.

SANTOS, Luis Fernando Tavares. **O Anarquismo e a relação com o Movimento Popular: o caso do Grupo de Alfabetização de Jovens Adultos do CEDEP/UnB**. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação.2010.

## **ANEXO – Autorização das alfabetizadoras do CEDEP**

**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Curso Superior de Pedagogia**

### **AUTORIZAÇÃO**

Eu, **MARIA HELENA LIRA COSTA DE SOUSA**, autorizo a estudante/pesquisadora **CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**, a utilizar minhas falas de entrevista bem como meu nome de registro civil em seu trabalho de conclusão de curso de graduação elaborada para obtenção do ensino superior de licenciatura no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília, intitulado: **O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES DE JOVENS, ADULTOS DO CEDEP - PARANOÁ: PARTICULARIDADES/DIFERENCIAL E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES.**

**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Curso Superior de Pedagogia**

## **AUTORIZAÇÃO**

Eu, **CILENE GOUVEIA DAMASCENO**, autorizo a estudante/pesquisadora **CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**, a utilizar minhas falas de entrevista bem como meu nome de registro civil em seu trabalho de conclusão de curso de graduação elaborada para obtenção do ensino superior de licenciatura no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília, intitulado: **O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES DE JOVENS, ADULTOS DO CEDEP - PARANOÁ: PARTICULARIDADES/DIFERENCIAL E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES.**

**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação  
Curso Superior de Pedagogia**

## **AUTORIZAÇÃO**

Eu, **ANA MARIA PINHEIRO**, autorizo a estudante/pesquisadora **CRISLANQUENI ALVES DOS SANTOS**, a utilizar minhas falas de entrevista bem como meu nome de registro civil em seu trabalho de conclusão de curso de graduação elaborada para obtenção do ensino superior de licenciatura no curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília, intitulado: **O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES DE JOVENS, ADULTOS DO CEDEP - PARANOÁ: PARTICULARIDADES/DIFERENCIAL E SIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS ALFABETIZADORAS(ES) POPULARES.**